

VISÃO DO CORREIO

Desemprego e planejamento

A inflação é um problema que afeta todo o mundo. Assim como o Brasil, Estados Unidos e países europeus enfrentam as maiores taxas de reajuste de preços em mais de 20 anos, ainda que, na Europa, os percentuais pareçam extremamente baixos se comparados com o histórico do indicador brasileiro. Nesse ponto, a equipe econômica e o próprio presidente Jair Bolsonaro têm razão em considerar que a aceleração de preços no país tem um componente forte de aumentos além-mar. Mas taxas de inflação são um problema mundial, o desemprego não, como mostram rankings globais de inflação e desemprego, considerando índice de preços referentes a 2021 e previsões para o mercado de trabalho neste ano.

Com a terceira maior inflação em 2021 (10,1%), o Brasil deve fechar 2022 com a nona maior taxa de desemprego, enquanto Estados Unidos fecharam o ano passado com inflação de 7% — a maior desde 1982 —, na sexta colocação, e devem encerrar este ano com 3,5% de desocupação, na 89ª colocação. Reino Unido e Itália, com índices de preços batendo em 5,4% e 3,9%, respectivamente, a 8ª e 11ª maiores em 2021, têm previsão de fechar este ano com nível de desocupados na faixa de 4%, na 25ª posição no ranking. Os números do desemprego foram compilados pela consultoria Austin Rating com base em dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), enquanto os referentes aos índices de preços foram reunidos a partir de dados do Banco Mundial, Investing e institutos de pesquisas dos países.

A comparação deixa claro que inflação alta não necessariamente representa taxas altas de desemprego, mostrando que enquanto outros países têm políticas voltadas para a geração de emprego e renda, o Brasil relegou a segundo ou terceiro plano o planejamento e a elaboração de políticas públicas voltadas para o mundo do trabalho, deixando nas mãos do mercado a solução para a abertura de mais vagas e a absorção de mão de obra ociosa. O desemprego caiu muito desde o primeiro trimestre de 2021, quando chegou a 14,9%. Agora está em

11,1%. Mas o problema é que ele se estabilizou nesse patamar alto com cerca de 12 milhões de pessoas desocupadas, devendo permanecer acima de dois dígitos este ano. Agora, a renda parou de cair, mas ainda está quase 10% abaixo do patamar anterior à pandemia de covid-19, agravando o problema.

O desemprego alto e a falta de planejamento e de políticas para estimular a abertura de vagas criam distorções no mercado de trabalho brasileiro, com o país, mesmo tendo um número grande de cidadãos sem emprego, registrando setores econômicos com déficit de mão de obra, mais notadamente nos segmentos que exigem maior qualificação, como a tecnologia da informação (TI). No setor tecnológico, a qualificação profissional preenche 65,7% das vagas abertas todo ano, com 34,2% dos postos de trabalho permanecendo vagos.

Na outra ponta, setores como construção civil e indústrias alimentícias também enfrentam dificuldades para contratar, seja porque falta qualificação para atividades específicas, seja porque o nível salarial mais baixo compete com o Auxílio Brasil — não diretamente, uma vez que o salário mínimo é de R\$ 1.212 e o Auxílio, de R\$ 400. Ocorre que o jeitinho brasileiro acaba gerando uma situação que, nas contas da indústria, explica a dificuldade de encontrar trabalhadores. O valor de mais de um benefício recebido na mesma família, associado a atividades remuneradas avulsas, pode render mais do que o valor do salário inicial de alguns setores, de pouco mais um salário mínimo.

Com mudanças aceleradas no mundo do trabalho, o Brasil enfrenta esse drama particular de empresários que não encontram empregado e trabalhadores que não acham trabalho. É preciso que o governo estimule a geração de vagas com redução do custo da mão de obra de um lado, mas, de outro, fixando como contrapartida dessa desoneração investimentos privados em qualificação de profissionais para atender as novas exigências geradas pelas mudanças tecnológicas. E mais, estimule a busca de novos modelos que atendam empresas e empregados.



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigocraveiro.df@dabr.com.br

Amizade pragmática

Nas relações internacionais, a palavra que se sobrepõe é “pragmatismo”. Muitas vezes, os países tomam decisões polêmicas ou até mesmo moralmente questionáveis se forem benéficas a seus interesses. Na semana passada, na contramão da comunidade internacional, a China reforçou os laços de amizade com o Kremlin, apesar do isolamento crescente da Rússia — em retaliação à invasão da Ucrânia. O porta-voz da chancelaria chinesa, Zhao Lijian, declarou que China e Rússia se mostram “superiores” ao “modelo da aliança política e militar da era da Guerra Fria”.

Segundo Lijian, Pequim e Moscou se comprometeram a desenvolver um “novo modelo de relações internacionais baseado na não aliança, na não confrontação e em não visar terceiros países”. O objetivo do fortalecimento da amizade entre Rússia e China seria, além de impulsionar os interesses comerciais envolvidos, minar a hegemonia dos Estados Unidos e da Europa, e colocar-se como novo eixo de influência na ordem mundial. As duas nações se aproveitam da fragilidade política de Joe Biden para confrontar a potência ocidental.

Especialistas admitem que um

rearranjo geopolítico deverá surgir da invasão à Ucrânia. Talvez uma nova polarização entre Ocidente e Oriente, entre o capitalismo e os sonhos do socialismo. Uma “Guerra Fria” nos moldes do século 21. Detalhe: Rússia e China, assim como os Estados Unidos, são potências nucleares. A cooperação sino-russa tem outro viés, não menos pragmático. A China vê a tentativa da Rússia de controlar a região do Donbass (leste da Ucrânia) como uma forma legítima a ser replicada na ilha de Taiwan, que segue o modelo democrático e capitalista. Pequim tem ameaçado Taipei de invasão, caso os taiwaneses busquem a independência.

O pragmatismo na política externa pode ter preço. Os Estados Unidos alertaram, reiteradas vezes, que punirão a China, caso ela ofereça algum tipo de concessão à Rússia na guerra à Ucrânia — incluindo a suavização das sanções internacionais. A questão é saber se Biden teria cacife político e estaria disposto a correr riscos para confrontar o regime de Xi Jinping e seu Partido Comunista Chinês. O tensionamento entre Washington e Pequim tem aumentado nos últimos anos, principalmente por disputas comerciais.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredit.df@dabr.com.br

Dopping eletrônico

Peguei um livro na estante para ler. De passagem pela sala, a tevê estava sintonizada em um programa de canal fechado abordando a invasão russa na Ucrânia. Parei em pé. Tive minha atenção detida. As análises sobre a guerra estavam interessantes. Sem perceber, me sentei no sofá com o livro preso à mão. As argumentações dos analistas pela expectativa de guerra nuclear me deixaram interessado. Tanto é que repousei o livro na mesa de centro. O programa terminou e o canal engatou um documentário sobre ecologia e economia. De relance, olhei o livro como que me implorando para abri-lo. As imagens de flores em ângulos espetaculares me seduziram mais do que o papel industrializado no formato daquele livro abandonado à minha frente. Mais uma vez o programa terminou. Dei-me conta que estava preso em estado de letargia com o sai e entra de programas, documentários, shows, entrevistas, anúncios. Alertei-me. Já era tarde. Hora de dormir. O livro ficou lá, sozinho na sala. Percebi o porquê, geralmente, muita gente fica conectado de forma ininterrupta com o celular. A sedução de links para imagens, sons, cores, mensagens, apelos, lazer, superficialidades, trabalho, nos deixam dopados. Não estou falando nada de novidade. É preciso ser seletivo, objetivo, do contrário, nos tornamos, acredito, viciados como se fosse uma droga. Se temos tanto tempo para dedicarmos à extensa variação de conteúdo do mundo digital, por que não fazermos pausas para desintoxicar nos lendo livros, livros e livros? Ah, no dia seguinte peguei o livro e li de uma tacada só *Crônicas do Espírito Santo*, de Rubem Braga.

» **Eduardo Pereira**,
Jardim Botânico

Dramas candangos

Amo Brasília. Os governantes é que não merecem meu respeito. Quem gosta de Brasília não pode ficar indiferente aos crescentes e assustadores problemas da cidade. A lua de mel pelos 62 anos de Brasília acabou. O 21 de abril alegrou corações. Levantou o ânimo da população. Shows e festas para todos os gostos. Agora, é preciso encarar a cruel realidade. Em alguns aspectos, Brasília é uma capital comum e igual às outras. Crimes, assaltos, feminicídios, roubos, golpistas, sequestros, roubos de carros e assassinos são constantes. Em todo canto. O pedestre sai de casa com medo de ser assaltado. Arastões em ônibus viraram rotina. Faz tempo que o brasileiro não tem mais sossego, paz nem tranquilidade. O noticiário policial amedronta. O desemprego aumenta.

» **Eduardo Pereira**,
Jardim Botânico

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Em lembrança à placa de Marielle, um deputado apareceu em ato público ostentando uma “placa de rua” com seu próprio nome, intitulado-se “mártir”... Que triste!

Marcos Paulino — Vicente Pires

Algumas autoridades deveriam saber que as doenças não estão no cabelo carapinha dos negros e negras, mas dentro do cérebro delas, infectado pelo racismo.

Giovanna Gouveia — Águas Claras

Os combustíveis seguem em alta e o presidente não fará nada desta vez?

Hamilton Maria da Costa — Octogonal

A arrecadação de impostos bate recordes, a miséria e a fome, também.

Leonora Lima — Núcleo Bandeirante

comercialização. Senhores, tirem o pé da nossa janta!

» **Ricardo Santoro**,
Lago Sul

Carestia

A verdade está estampada nas prateleiras dos supermercados em todo o país. Os preços dos alimentos estão subindo sem parar. A angústia ao abastecer um veículo num posto de combustíveis é outra realidade atual. Não precisa ser um economista, especialista em índices de preços do mercado, para perceber que o poder aquisitivo está diminuindo a cada dia. Os governantes atuais têm ao seu dispor profissionais que manipulam a opinião pública pelas das redes sociais, disparando mentiras a todo momento, escondendo os fracassos e exibindo fatos muito distantes da realidade. Um político que nunca trabalhou na iniciativa privada, que sempre acumulou bens sem nada produzir, não poderia apresentar um resultado diferente do fiasco econômico de seus quarenta meses de governo.

» **José Carlos Saraiva da Costa**
Belo Horizonte (MG)

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA
Diretor Presidente

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Paulo Cesar Marques
Diretor de Comercialização e Marketing

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Diretor Financeiro

Plácido Fernandes Vieira e Vicente Nunes
Editores executivos

CORPORATIVO
Josemar Gimenez
Vice-presidente de Negócios Corporativos

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214-1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/ SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: associadosp@uaiiga.com.br. Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalf@uaiiga.com.br. REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo – Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiaabril.com.br. Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 508 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hrmmultimidia.com.br. Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Exitto Representações - Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C-2, Jardim Planalto - CEP: 74333-140, Goiânia-GO - Telefones: 62 3085-1770 e 62 3912-6119. Brasília: Sá Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: thiago@sapublicidade.com.br. Região Norte - Meio e Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.

Endereço na Internet: <http://www.correiowb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Notícias Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press, Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

VENDA AVULSA
Localidade SEG/SÁB DOM
DF/GO R\$ 3,00 R\$ 5,00

ASSINATURAS*
SEG a DOM
R\$ 837,27

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação e sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo: Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h; sábados, das 14h às 21h; domingos e feriados, das 15h às 22h. Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568 / 0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595. E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

DA LOG
Agenciamento de Publicidade